

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MALFEITORIAS NO TÚMULO DO REI DOM DINIS.

SOUSA, J. M. Cordeiro de

Ano: 1966 | Número: 76

Como citar este documento:

SOUSA, J. M. Cordeiro de, Malfeitorias no túmulo do rei Dom Dinis. *Revista de Guimarães*, 76 (1-2) Jan.-Jun. 1966, p. 67-71.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Malfeitorias no túmulo do Rei dom Dinis

Por J. M. CORDEIRO DE SOUSA.

No dia 7 de Janeiro do ano de 1325 morria em Santarém o bom rei D. Dinis. Depois de lhe embalsamarem o cadáver, como afirma Brandão, encerraram-no em um ataúde que cobriram com um pano de brocado e colocaram numas andas em que o trouxeram vagarosamente pelos caminhos lamacentos da charneca ribatejana, com grande acompanhamento de clérigos com círios acesos e ao «som de muitos sinos das igrejas e conventos» dos povoados, até Vila Nova, e daí «por aquela ribeira do Tejo», para Odivelas, onde o bispo D. Gonçalo Pereira mandara estar o Cabido da Sé, as Ordens, e a Câmara da Cidade.

Então todos descavalgaram e entraram com o féretro real na igreja do mosteiro a cuja porta esperavam as oitenta religiosas da comunidade cisterciense, com tochas acesas.

Assim se cumpria a vontade do Rei, expressa no seu terceiro testamento lavrado «no postumeiro dia de Dezembro da era de 1362», em que mandava que lhe soterrassem o corpo no seu mosteiro de S. Dinis de Odivelas, no túmulo que mandara fazer e ali estava «antre o coro e a ousia maior».

*

O túmulo real é uma grande arca de calcário, aproximadamente com 2,80 m de comprimento por 1,30 m de largura e 1,20 m de altura, medidas tomadas pelo Dr. Vergílio Correia, que adopto pelo cuidado que esse saudoso investigador punha em todos os seus trabalhos.

Tanto nestas medições como nas figuras representadas nos suportes da arca tumular, não há concordância entre os escritores que se ocuparam do belo moimento trecentista: Vilhena Barbosa, dá ao túmulo $2,62 \text{ m} \times 1,42 \text{ m}$; Borges de Figueiredo, que aliás teve bastante tempo para o examinar, pois se alojou no convento ao escrever o seu conhecido livro, dá-lhe $2,93 \text{ m} \times 1,44 \text{ m}$; e Silva Túlio, no *Jornal de Belas Artes*, expressa as dimensões em palmos: 12 de comprimento por $6\frac{1}{2}$ de altura, o que equivale a $2,64 \text{ m} \times 1,43 \text{ m}$. Jorge Cardoso, no *Agiolégio*, dava-lhe $2,62 \text{ m} \times 1,42 \text{ m}$ de altura.

Quanto às esculturas existentes nos seis suportes, ou cachorros, apenas coincidem nas figurações do leão, do camelo com o escravo que o conduz; e do urso que «o seu derrubado caçador apunhala», em que todos admitem estar representado o lendário sucesso da montaria de Belmonte, e divergem, ou deixam de referir: o jovem dominado por uma fera, o drago, e um animal que a desagregação da pedra tornou irreconhecível.

A grande arca tumbal é decorada com doze edículas de arco trilobado com suas galbas e pináculos intermédios sobre um fundo de estreita arcaria cega com uma faixa superior de rosetas tetralobadas, como no rebordo da tampa, actualmente muito desfeito.

Ao que parece, o moimento era policromado, o que não é caso único, a julgar por alguns vestígios ainda bem visíveis das cores azul e vermelha.

Numa das faces longas, em cada edícula duas religiosas seguram livros devotos, e uma delas um pequeno cofre. Duas ainda transportam um objecto oblongo não identificável dada a desagregação da pedra em que foi lavrado. Na face oposta, em cada edícula dois monges cujas cabeças foram bárbaramente mutiladas. Os dois últimos sustentam nos braços a arqueta das relíquias dos Mártires de Marrocos, se não as daquele que

*«do Sacro Promontório conhecido
à cidade Ulisseia foi trazido.»*

Nas edículas da cabeceira vemos: numa, um frade, também mutilado, que lê num evangeliário aberto sobre um setial; na outra, um santo, talvez S. Bernardo, a cujos



Túmulo do Rei D. Dinis.

(Litografia de M. L. da Costa, sobre desenho de Bordalo Pinheiro, publicada em 1857 no «Jornal de Belas Artes»).

pés implora um Rei de coroa e manto roçagante, porventura D. Dinis.

No facial dos pés, em cada edícula, duas lacrimosas madres bernardas.

*

Pelo terremoto de 1755 abateu a abóbada da igreja, atingindo na queda o túmulo real que ficou gravemente mutilado. A estátua jacente do Rei sofreu cruéis destroços no rosto, no colo, nas mãos que foram decepadas, etc. E assim ficou por largo tempo.

Acrescente-se a esta ruína, o bárbaro arrombamento do sarcófago em 1808, que se atribui a soldados do «ridículo tiranete que se chamou Junot», como o classifica Júlio de Castilho, ávidos por encontrarem entre as cinzas da tumba real alguns valores.

*

Certa tarde em que a Rainha D. Estefânia, num dos seus passeios pelos aprazíveis arredores da Capital, visitou o velho templo conventual de Odívelas, condoída com tão lastimoso estado em que encontrara a estátua do Rei, resolveu mandá-la reparar.

Em 1861 fizeram-se uns «reparos», mas «deixaram os obreiros e os que superintenderam naqueles trabalhos, testemunho de ignorância e selvageria», como clamava Vilhena Barbosa. Houve até quem afirmasse que os tais «reparos» haviam sido feitos «torpemente» com cal e areia! Mas não, a verdade é que reconstituíram as mutilações do jacente com gesso, porém «a cabeça e o rosto ficaram disformes».

O restaurador desprezou alguns fragmentos que se encontraram da «face direita, a maçã do rosto, metade dos beijos e uma porção da barba» da modelação antiga, informa Borges de Figueiredo, pelo que, tendo Manuel Bordalo Pinheiro sido encarregado em 1878 de desenhar o túmulo para publicação no *Jornal de Belas Artes*, resolveu fazer uma reconstituição conjectural da parte arruinada, «por ter pejo de prostituir o seu lápis em trasladar semelhante barbaridade».

No entanto, o amaneirado desenho, litografado por M. L. da Costa, foi servilmente reproduzido por Nogueira da Silva, no *Arquivo Pitoresco*. Em 1886 *O Ocidente* publicou uma gravura de Caetano Alberto, mostrando-nos o túmulo após as últimas reparações em que a cabeça do jacente já fora substituída e reaparece com barba pontiaguda, mas não encaracolada como a dos seus contemporâneos tumulados na Sé.

*

A primitiva igreja conventual tinha três naves, e o majestoso moimento estava na nave central, «antre o coro e a ousia maior», mas como «tolhia às religiosas» a vista do altar, trataram de transferi-lo para a absidiola do lado da Epístola e nos finais do século XVIII levaram-no para a absidiola do lado do Evangelho, lugar tão impróprio como o anterior por acanhado para o grande mausoléu, sobre o qual suspenderam um sobrecéu de damasco vermelho, que em 1889 ainda se encontrava aí.

Há quem diga que, provavelmente quando na nave maior, o túmulo fora cercado «de grades altas de ferro com escudetes, nas pontas dos balaustres, das armas de Portugal e cruzes da Ordem de Cristo», e que à cabeceira, mas não sobre a tampa, como fazem crer alguns escritores; estava uma imagem de S. Luís, Bispo de Tolosa, «por cujo favor D. Dinis se livrou do vssso» nas serranias de Belmonte.

Em 1938, no mês de Maio, durante umas obras de restauro levadas a efeito no velho monumento dionisiano, ao reconduzirem o túmulo para a acanhada absidiola onde já estivera, com o pretexto do seu grande peso — como se actualmente não houvesse processo de transportar cargas muito superiores — mas, ao que é de supor, satisfazendo certas curiosidades pueris; comecei-se a profanação de retirar a tampa do sarcófago, o que nas passadas transferências nunca se julgou necessário.

Encontraram-se os destroços de um caixão de madeira de carvalho, entre os quais a ossada do Rei, em decúbito lateral esquerdo, posição provavelmente resultante das anteriores deslocções do túmulo. Estava envolta numa tela de seda com listas verdes e alaranjadas,

tecida com fio de oiro, e os restos de um camisote de escarlata, tudo enleado numa fita de seda.

A cabeça estava intacta. Era pequena, condizendo com o corpo, que não devia exceder 1,65 m de altura, encontrando-se junto, «mas despegada» da face, a barba ruiva e, soltas, umas madeixas de cabelo um pouco mais claro, e a dentadura muito branca. Informações estas transmitidas pela imprensa da época, de que excluo uma fantasiosa alusão ao pinhal de Leiria, que nem se sabe por quem foi mandado plantar.

Infelizmente desta escusada profanação não resultou nenhum estudo que a justificasse.

*

O velho «moesteiro de Sam Dinis das Donas de Odivelas», que tanta injúria padeceu com o decorrer dos séculos e com a murmuração de certos historiógrafos, é hoje o benemérito «Instituto de Odivelas», antigo «Instituto Infante D. Afonso», nome do seu fundador, de onde tanto bem e tanta instrução irradiam sobre a juventude feminina que ali se acolhe.